

Resenha

SANTOS, Roberto Santana. *Coronéis e Empresários: Da Esperança da Transição Democrática à Catástrofe Neoliberal (1985-2002)*. Rio de Janeiro: Luminária Academia/Editora Multifoco, 2014.

O autor, coerente com sua opção metodológica, analisa o período final da ditadura de 1964 no Brasil a partir de referencial marxista que tem como eixo a teoria da dependência. Trata-se de um estudo sobre o Brasil em que o contexto latino-americano e a posição dos países da região na Divisão Internacional do Trabalho aparecem como elementos compreensivos de amplo espectro. Caracterizar a inserção da região no modo de produção capitalista permitirá compreender o papel das classes dominantes na crise da ditadura brasileira:

“A industrialização na América Latina surge dentro do cenário criado pela dependência, ou seja, com a separação entre produção e circulação, a superexploração do trabalho, baixa produtividade do trabalho e a formação de duas esferas de consumo, completamente apartadas do processo produtivo vigente nesses países. A baixa esfera de consumo, compressada pela produção voltada ao mercado internacional, e a alta esfera de consumo que somente se satisfaz com as importações” (p. 73).

Para compreender o papel que determinadas lideranças vão assumir nos embates a cerca dos dois projetos em disputa, o autor é enfático: “A industrialização não romperá com a dependência muito pelo contrário, a aprofunda, assim como intensifica a superexploração do trabalho” (p. 73).

Os dois projetos em debate na transição, colocava de um lado PDT e PT, de outro a direita organizada em torno de partidos claramente de direita e agrupamentos considerados de esquerda, que se alinhavam pela saída pactuada com a ditadura. O trabalho de Santos destaca as amplas mobilizações da década de 1980, especialmente a campanha das Diretas Já, que colocou milhões de manifestantes nas ruas das principais cidades brasileiras. A campanha, mesma derrotada no Congresso, influenciou os debates na Constituinte, sendo a mobilização popular responsável pelo aspecto progressista da Carta. No capítulo sobre neoliberalismo, o adiamento de sua aplicação, entre outros fatores, se deve a esta mobilização:

“A defesa dos preceito neoliberais já estava presente nos meios de comunicação pertencentes à classe dominante, além de suas agremiações partidárias e institucionais. O governo Sarney muitas vezes recebeu críticas por parte da burguesia por não diminuir a participação do Estado na economia. Porém, o grau de volatilidade política da década de 1980 não permitia uma ação governamental para implementar o ideário neoliberal” (p. 283).

“Dois projetos de reforma se enfrentaram para definir os rumos do país: um popular, de aprofundamento da democracia e de diminuição das desigualdades, o outros elitista,

que prometia uma ‘modernização’ que se baseava no consumismo e no desmonte do patrimônio público. Esses dois projetos se enfrentaram durante todos os momentos decisivos do processo de Transição na década de 1980” (p. 289).

Salta aos olhos a linha de continuidade entre a ditadura e os governos eleitos até 1998, no entanto, Santos recupera em detalhes a luta de classes que se expressou nos dois projetos acima. Com fundamentação empírica e teórica, o autor desfaz a versão oficial de história sem traumas e sem antagonismos que o pensamento dominante tenta impor, de forma cada vez mais inconsistente. Na obra, aparecem com toda sua força, a campanha das diretas, as greves operárias e o embate das forças de esquerda na Constituinte. Essa vitalidade, sem dúvida se expressa no discurso de Taiguara, no comício das diretas no Rio de Janeiro. O nome que deveria representar os comunistas revolucionários seria Luiz Carlos Prestes, para os organizadores do comício tal fala não ajudaria nos seus objetivos de transição pactuada, daí chegar-se ao nome do cantor e compositor, que ao discursar lembra os mortos da ditadura e surpreende ao dizer que estava ali, mas não gostava de política, “mas sim de revolução”.

Em boa hora chega o livro *Coronéis e Empresários*, lembrar os passos da transição no momento em que a campanha das diretas fez 30 anos é lembrar os esforços da classe trabalhadora e do povo pobre para reafirmar sua independência frente aos interesses da classe dominante.